



## Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia

*Work and gigwork on app-companies: an overview of uberisation in the city of São Paulo during the pandemic*

*Trabajo y gigwork en empresas de aplicaciones: una visión general de la uberización en la ciudad de São Paulo durante la pandemia*

**Flavia Uchôa de Oliveira**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1336320203039409>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6847-8436>

**Shailen Nandy**

Universidade de Cardiff, GB

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1066-9181>

**Luis Renato Vedovato**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7171365095068677>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0684-4522>

**Ana Elisa Assis**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9527743086394186>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3759-4845>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivos contribuir com a produção de dados sobre a uberização e enfatizar a gestão da desinformação como parte da uberização. Por isso, em termos temáticos e teóricos, a noção de uberização serve à análise aqui proposta. A coleta de dados, realizada em 2021 durante momentos críticos da pandemia, é parte do Projeto Interinstitucional “Pobreza Multidimensional no Brasil”. O instrumento aplicado continha questões sobre a situação de trabalho, de renda, de condições de vida e sobre os impactos da pandemia na vida dos participantes. O recorte proposto foca nos participantes que, à época, trabalhavam ou se viravam em empresas-aplicativo. Os resultados sugerem que a uberização pode ser considerada como um dos vetores de pobreza para a maioria do grupo estudado. Os dados reforçam a compreensão da uberização como uma tendência generalizante para o mercado de trabalho, mas que se acentua como trabalho precário e amador para homens negros jovens e periféricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** abordagem consensual uberização; gestão da desinformação; pobreza multidimensional; uberização.

### ABSTRACT

This article aims to contribute to the production of data on uberisation and emphasize the management of misinformation as part of uberization. In this sense, in thematic and theoretical terms, the notion of uberisation is useful to the analysis proposed here. Data collection, carried out in 2021 during critical moments of the pandemic, is part of the Interinstitutional Project “Multidimensional Poverty in Brazil”. The survey contained questions about the work situation, income, living conditions and the impacts of the pandemic on the lives of the participants. Focus will be given to those participants who worked, at the time, full time or part time at app-companies. The results suggest that uberisation could be considered one of the poverty vectors for the majority of the studied group. Data reinforce the understanding of uberisation as a general trend for the labor market, but which is accentuated as precarious and amateur work for young and peripheral black men.

**KEYWORDS:** consensual approach; misinformation management; multidimensional poverty; uberisation

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo contribuir a la producción de datos sobre la uberización y enfatizar la gestión de la desinformación como parte de la uberización. En este sentido, en términos temáticos y teóricos, la noción de uberización es útil para el análisis aquí propuesto. La recolección de datos, realizada en 2021 durante momentos críticos de la pandemia, forma parte del Proyecto Interinstitucional “Pobreza Multidimensional en Brasil”. La encuesta contenía preguntas sobre la situación laboral, los ingresos, las condiciones de vida y los impactos de la pandemia en la vida de los participantes. Se prestará atención a aquellos participantes que trabajaron, en ese momento, a tiempo completo o parcial en empresas de aplicaciones. Los resultados sugieren que la uberización podría ser considerada uno de los vectores de pobreza para la mayoría del grupo estudiado. Los datos refuerzan la comprensión de la uberización como tendencia general del mercado laboral, pero que se acentúa como trabajo precario y amateur para hombres negros jóvenes y periféricos.

**PALABRAS CLAVE:** enfoque consensuado; gestión de la desinformación; pobreza multidimensional; uberización.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivos contribuir com a produção de dados sobre a uberização na capital paulista e enfatizar a gestão da desinformação como parte da uberização. A coleta e o recorte dos dados focam nas trabalhadoras e nos trabalhadores que nos meses de julho e agosto de 2021, ainda durante momentos críticos da crise sanitária, tinham como ocupação única ou **viração** o trabalho nas



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

empresas que funcionam por meio de plataformas digitais, nomeadas aqui como empresas-aplicativo. Nesse sentido, focamos em trabalhadores que tinham nas empresas-aplicativo sua atividade e renda principais ou tinham nessa forma de trabalho uma atividade extra para complementar sua renda. Importa indicar que os dados apresentados são frutos da quarta etapa do projeto interinstitucional Pobreza Multidimensional em São Paulo.

Em termos temáticos e teóricos, a noção de uberização serve à análise aqui proposta. Justificamos a elaboração deste artigo pela relevância do tema na atualidade e pelo **apagão de dados** que tem sido promovido deliberadamente pelas empresas-aplicativo. Por esse segundo motivo, dedicamos uma breve discussão temática e teórica para enfatizar a gestão da desinformação na uberização, com a sustentação em exemplos recentes no Brasil e no mundo. Compreendemos que a gestão da desinformação é parte crucial do processo de uberização e constitui um dos desafios para os quais parte das ciências do trabalho tem se empenhado em denunciar e superar. Em vista disso, esta pesquisa é um esforço de produção e análise de dados sobre o processo de uberização para contribuir com a promoção de ações, formações, negociações e políticas públicas voltadas ao trabalho, ao emprego e à renda.

Nas páginas a seguir, o texto está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, exploramos a definição de uberização alicerçada nas discussões mais recentes realizadas pelo direito, pela sociologia e antropologia do trabalho, e pela psicologia social do trabalho. Enfatizamos, a gestão da desinformação, característica desse processo. Em seguida, passamos aos fundamentos metodológicos do projeto Pobreza Multidimensional no Brasil e os recortes dos dados aqui apresentados. Depois, passamos à apresentação dos resultados e às análises e discussões conduzidas. Por fim, tecemos breve comentário à guisa de conclusão, indicando limitações e potencialidades de nosso estudo.



## 1. Uberização

Nos últimos sete anos, a palavra **uberização** tornou-se um polo de atração para as ciências que estudam o trabalho. Essa afirmação está confirmada na busca pelo termo no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), base que oferece o panorama da produção científica no Brasil.

Em janeiro de 2023, o descritor **uberização** retorna 94 resultados para a busca. O termo aparece em trabalhos concluídos entre 2017 e 2022. Os anos de 2020 e 2021 concentram 78 trabalhos concluídos. As Ciências Sociais Aplicadas lideram os resultados e a área do Direito aparece em primeiro lugar absoluto com quase três dezenas de teses e dissertações sobre o tema. A Sociologia e a Administração seguem em segundo e terceiro lugares, respectivamente. As Instituições de Ensino Superior do sul e do sudeste encabeçam esses estudos e a participação das outras regiões nessa temática se dá de maneira mais pulverizada. Essas informações apresentam o impacto da temática na produção científica brasileira e estão em consonância com a recente revisão de literatura na qual foi analisada a produção de artigos nacionais e internacionais, a partir dos Periódicos Capes<sup>1</sup>.

A visão positiva e produtiva da **uberização**, encontrada em escritos de 2017<sup>2</sup>, parece ser suplantada pela realidade do aprofundamento da precarização do trabalho. As justificativas midiáticas de **negócios disruptivos** a partir da **tecnologia**, e da **parceria** e do **empreendedorismo** como o futuro do trabalho, não resistem ao exame mais atento da organização de trabalho imposta pelas empresas-aplicativo<sup>3</sup>. Virgínia Fontes sintetiza a **uberização**, apresentando o fundamento desse processo:

---

<sup>1</sup> ELIAS, Maria Ligia Ganacim Granado Rodrigues *et al.* Uberização: um entendimento a partir de uma revisão da literatura. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 19, n. 55, p. 189-209, 2023. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rts/article/view/15505>

<sup>2</sup> MÉDICI NETO, Mário Garrastazu. *Motoristas parceiros do Uber: natureza da prestação de novas formas de trabalho trazidas pela economia colaborativa*. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Direito do Trabalho) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165265>. Acesso em: 31 jan. 2023.

<sup>3</sup> SOUZA, Ilan Fonseca de. Na pista com a Uber: uma etnografia. *Revista Direito e Práxis*, Ahead of Print, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/69784>. Acesso em: 1 fev. 2023.



“descobrir uma forma de extrair mais-valor, através da utilização do trabalho humano”<sup>4</sup>. O que implica em um controle técnico e tecnológico nunca antes visto do trabalhador. Do método para realizar suas atividades à remuneração, o trabalhador é subordinado ao gerenciamento algorítmico formulado pelas empresas-aplicativo<sup>5</sup>.

Compreendemos a uberização como a atualização do gerenciamento capitalista do trabalho. O velho objetivo da espoliação e da expropriação é atualizado a partir das novidades das tecnologias digitais de informação e comunicação. Ao pensarmos a fundação do trabalho por meio da precariedade para a maioria da classe-que-vive-do-trabalho na América Latina, essa atualização gerencial ganha força e aderência. A polimorfia do trabalho neste nosso canto do mundo, sedimentou o investimento político nos corpos pela *viração* e tornou-se base para o **empreendedorismo de si** e, mais recentemente, para a uberização<sup>6</sup>.

No Brasil, a cidadania frágil e regulada estabelecida ao longo do século XX, marcou os corpos não-brancos e periféricos que tiveram de **se virar** com o que pudessem fazer de **bicos** para responder à emergência da sobrevivência<sup>7</sup>. A **confluência perversa** entre um projeto democratizante e o receituário neoliberal<sup>8</sup>, promoveram, por exemplo, políticas públicas voltadas à economia solidária<sup>9</sup>; na

<sup>4</sup> FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo: Revista do NIEP-Marx**, Niterói, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017. Disponível em: <https://www.niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/220>.

<sup>5</sup> ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas: individuo y sociedad**, Viña del Mar, Chile, v. 18, n. 3, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/1674>. Acesso em: 7 set. 2021.

<sup>6</sup> UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella. Empreendedorismo e investimento político no corpo para a produtividade neoliberal. *In: Volumes Do Seminário Internacional Três Décadas De Transformações Na América Latina*. São Paulo: [s. n.], p. 1-27. No prelo.

<sup>7</sup> MARQUES, Léa (org.). **Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 227 p. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/trajetorias-da-informalidade-no-brasil-contemporaneo1/>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>8</sup> DAGNINO, Evelina. Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 139-164, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1983/1732>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>9</sup> ANDRADA, C. F.; ESTEVES, E. G. Sonho, história, loucura? Economia Solidária: um movimento de resistência no mundo do trabalho. *In: RASERA, E.; PERERA, M. P. de; GALINDO, D. (org.) Democracia participativa, Estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção*. Porto



mesma medida em que promoveram o empreendedorismo nos termos da Pequenas Empresas, Grandes Negócios, via serviços paraestatais como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas<sup>10</sup>. Ofertaram a inclusão em uma proteção social frágil como na criação da figura jurídica do Microempreendedor Individual (MEI) para atividades historicamente fundadas na precariedade. O caso das trabalhadoras domésticas é exemplar da perversão dessa confluência: a aprovação da PEC das domésticas em 2013 é logo sucedida pela inclusão da categoria de diarista como MEI<sup>11</sup>.

A ação política de trabalhadoras e trabalhadores acrescenta outra camada de tinta à compreensão do processo de uberização. Os movimentos de denúncia e resistência entre 2019 e 2020 podem ser compreendidos como as novas formas de resistência diante de novas formas de dominação<sup>12</sup>. A greve conhecida como Breque dos Apps e a regionalização do movimento intitulado Entregadores Antifascistas mostram a importância da ação política por fora e ao redor das instituições. Esses acontecimentos manifestam igualmente a dimensão das implicações psicossociais que envolvem esta nova forma de organização do trabalho. Ademais, o impacto dessas mobilizações acentua um aspecto da gestão crucial na atualidade: a gestão da desinformação. Sobre esse aspecto, dedicamos a seção a seguir.

---

Alegre: ABRAPSO, 2017. p. 169-187. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Livro-XIX-Encontro-Nacional-Democracia-participativa-Estado-e-Laicidade.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.

<sup>10</sup> UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella. **Somos todos empreendedores?** A demanda empreendedora como dispositivo de governo neoliberal. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09072020-161211/es.php>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>11</sup> PROFISSIONAIS que prestam serviços domésticos podem ser MEI. **SEBRAE**, 31 jan. 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/conteudo\\_uf/profissionais-que-prestam-servicos-domesticos-podem-ser-mei,af7ee997bc741610VgnVCM1000004c00210aRCRD](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/conteudo_uf/profissionais-que-prestam-servicos-domesticos-podem-ser-mei,af7ee997bc741610VgnVCM1000004c00210aRCRD). Acesso em: 1 fev. 2023.

<sup>12</sup> UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella; BASTOS, Juliano Almeida. Uberização: precarização do trabalho e ação política dos trabalhadores no Brasil de 2020. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 25, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/180691/189095>. Acesso em: 01 set. 2023.



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

## 1.1 A gestão da desinformação é parte da uberização: opacidade e manipulação dos dados

A falta de acesso a dados e a manipulação de informações por parte das empresas é um dos principais desafios para pesquisadores que se dedicam ao estudo do trabalho. Especialmente, para aquelas e aqueles dedicados ao estudo da uberização, a partir das empresas-aplicativo<sup>13</sup>. A expressão **empresas-aplicativo**, cunhada por Ludmila Costhek Abílio<sup>14</sup>, designa a “pouca materialidade, mas altíssima visibilidade” de tais empreendimentos. A expressão busca enfatizar que tais empresas surgem como **plataformas**, isto é, espaços digitais de troca entre consumidores e **empreendedores de si mesmo**, o que confere à empresa a desresponsabilização sobre os impactos de seus serviços. Não se trata de uma empresa com a materialidade de espaços físicos e rostos, mas de um ambiente virtual no qual o patrão é sujeito oculto. A Uber, por isso, não é apresentada como empresa de transporte individual, nem o Airbnb é apresentada como uma rede hoteleira; para ficar apenas nesses exemplos. Essas empresas são apresentadas como **plataformas** e não possuem frotas de carros ou espaços físicos para hospedagem.

Trata-se de uma alteração nos termos que busca usar a marca de **plataforma** para encobrir o funcionamento empresarial e o vínculo empregatício. A marca fetichizada e a falta de transparência sobre o funcionamento dessas empresas aparecem justificadas por um lado pela concorrência, por aquilo que não pode ser compartilhado: uma suposta **fórmula do sucesso**, que é propriedade intelectual e que sustenta uma **cultura do sigilo**<sup>15</sup>; por outro lado, a falta de acesso aos dados do funcionamento dessas empresas é justificada de maneira menos racionalizada e mais ideológica: tais empresas parecem estar no campo daquilo que é indomável. Seriam espaços de **liberdade** em que o progresso é **inevitável**. O espaço digital e virtual do

<sup>13</sup> ABÍLIO, Ludmila Costhek *et al.* **Relatório Parcial de Pesquisa: Condições de trabalho em empresas de plataforma digital: os entregadores por aplicativo durante a Covid-19.** São Paulo: REMIR, 2020.

<sup>14</sup> ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Blog da Boitempo.** São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

<sup>15</sup> ZUBOFF, Shoshana, **The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power.** New York: Public Affairs, 2019.



aplicativo atualiza o discurso neoliberal que interdita quaisquer regulações no mercado e, por isso, nada poderia impedir ou perturbar o desenvolvimento dessas empresas. Nem mesmo o alto custo humano dessas empreitadas<sup>16</sup>.

A falta e a manipulação de dados dificultam a mobilização, o questionamento e a crítica às organizações empresariais. O caráter antidemocrático da falta de transparência não é irrelevante. Sem a real definição e dimensão das questões enfrentadas por trabalhadoras e trabalhadores nessas empresas, e dos eventuais abusos e fraudes cometidos por essas organizações, a formulação de políticas públicas é distorcida. Por isso, para as ciências do trabalho, a produção de dados sobre a organização do trabalho estabelecida nessas empresas passa a ser tarefa elementar.

O empenho nessa tarefa foi intensificado nesta última década a partir da aparente contradição na qual vivemos: estamos na Era da Informação<sup>17</sup>, mas vivemos um **apagão de dados** sobre o trabalho nas empresas-aplicativo. Se a “informação é o novo petróleo”<sup>18</sup>, explorar esse recurso transforma-se em atividade crucial dentro das organizações empresariais para o controle do trabalho e do trabalhador. A falta de transparência nessa gestão é aspecto bem-conhecido no processo de uberização, desde o nível da atividade até o nível das legislações nacionais e da governança internacional.

No nível da atividade, a etnografia conduzida por Ilan Fonseca de Souza<sup>19</sup>, na capital baiana, torna-se relevante material para compreensão da organização do trabalho estabelecida pelas empresas-aplicativo. O autor destaca dois eixos estratégicos para compreender a gestão da empresa-aplicativo Uber sobre seus trabalhadores, a ocultação e o despotismo. Souza aprofunda seus argumentos sobre a ocultação e explica como se dá a estratégia de ocultar a relação de subordinação que caracteriza o vínculo empregatício. O autor argumenta que essa dissimulação se

---

<sup>16</sup> ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

<sup>17</sup> CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>18</sup> PALMER, Michael. *Data is the new oil*. **ANA Marketing Maestros**. 03 nov. 2006. Disponível em: [https://ana.blogs.com/maestros/2006/11/data\\_is\\_the\\_new.html](https://ana.blogs.com/maestros/2006/11/data_is_the_new.html) Acesso em: 1 fev. 2023.

<sup>19</sup>SOUZA, Ilan Fonseca de. Na pista com a Uber: uma etnografia. **Revista Direito e Práxis**, Ahead of Print, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/69784> Acesso em: 1 fev. 2023.



dá no “incentivismo”, a partir de recompensas e punições estabelecidas pela empresa; e, igualmente, dá-se pelo “tarefismo”, ou seja, pela remuneração atrelada à quantidade de tarefas realizadas, numa estratégia que, nos termos marxianos, remete ao “salário por peça”<sup>20</sup>.

O **pedagogismo** é outra tática lançada pela Uber, a ideia de um empreendedor que se forma a si mesmo é constantemente anunciada para os trabalhadores. Ainda, o estelionato é uma tática presente na gestão da plataforma, com bonificações que não são pagas em sua totalidade, sem que haja possibilidade de questionamento por parte do trabalhador. Souza explica como a Uber exercita o compartilhamento de riscos e o obscurantismo sobre sua força de trabalho. Os riscos do negócio são assumidos na ponta, pelo trabalhador, em uma espécie de repasse no qual as incertezas são impostas aos trabalhadores e as decisões e os lucros permanecem concentrados nas mãos da empresa. Essa concentração também está explícita no obscurantismo por meio do qual as informações sobre a organização do trabalho não são disponibilizadas ao **motorista-parceiro**, negando e interditando qualquer negociação sobre as condições de trabalho.

No nível nacional e internacional, os chamados *Uber Files*, tornados públicos pelo jornalismo investigativo do The Guardian<sup>21</sup>, mostram como o apagão de dados funcionou para que fossem impossibilitadas investigações sobre a empresa em vários países da Europa. Além da ação direta de governos para aprovação de leis que trariam vantagens à empresa, como evidenciado nas trocas de mensagens entre o presidente francês Emmanuel Macron e Travis Kalanick, *Chief Executive in Office* (CEO) da empresa, à época. Igualmente, a desfaçatez desse processo é evidenciada no discurso do então vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, no Fórum Econômico Mundial, em Davos, em 2016. Em sua fala, Biden faz referência a um CEO

---

<sup>20</sup> MARX, Karl. Capítulo nono: O salário à peça. In: MARX, Karl. *O Capital - Livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2015.

<sup>21</sup> DAVIES, Harry; GOODLEY, Simon; LAWRENCE, Felicity *et al.* *Uber broke laws, duped police and secretly lobbied governments, leak reveals*. *The Guardian*, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2022/jul/10/uber-files-leak-reveals-global-lobbying-campaign>. Acesso em: 1 fev. 2023.



que daria a milhões de pessoas “a liberdade de trabalhar quantas horas desejarem, administrando suas vidas como bem desejarem”<sup>22</sup>.

A gestão da desinformação no processo de uberização parece seguir as táticas do que vem sendo nomeado de **guerra híbrida**. Castro<sup>23</sup> explora essa noção nas “plataformas algorítmicas”, em especial, no Facebook pela atuação política e eleitoral dessa plataforma nos últimos sete anos. Destrinchando seu argumento, o autor indica que as plataformas são cooptadas para essa guerra, fornecendo os exemplos das eleições de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil. Em ambos os casos, a desinformação e a infiltração de perfis falsos nas redes sociais comprovam a passagem dos artifícios de uso militar ao seu uso nas eleições para desestabilização da disputa, mobilização ou desmobilização dos vários grupos sociais em prol desses candidatos.

A relação proposta por Castro, nos interessa como um paralelo para pensar o obscurantismo da uberização. Ao que parece, a gestão da desinformação funciona como gestão de guerra para o controle do trabalho e da desmobilização da ação política dos trabalhadores. A análise de Castro serve-nos, em específico, para compreender as táticas da iFood no Brasil, nos últimos anos. Essa empresa brasileira de entrega de refeições tem sido uma das mais engajadas nos mecanismos de ocultação e na gestão da desinformação para controle do trabalho e desmobilização dos trabalhadores. Três exemplos são significativos das práticas dessa empresa-aplicativo.

O primeiro deles pode ser evidenciado pelo artigo de opinião de autoria de João Sabino na Folha de S. Paulo<sup>24</sup>. Na época dessa publicação, Sabino tinha o curioso cargo de “Líder de políticas públicas da iFood” e seu artigo se contrapunha às análises realizadas por um economista que indicava que a empresa seria um

---

<sup>22</sup> WORLD ECONOMIC FORUM. *Davos 2016 - Remarks by Joe Biden, Vice President of the United States*. [S. l.: s. n.], 20 jan. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02AFIU9igE>. Acesso em: 1 fev. 2023.

<sup>23</sup> CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas. *E-Compós*, Brasília, DF, v. 23, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1929/1983>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>24</sup> SABINO, João. Sobre oligopsônios e entregadores, alguns números. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/sobre-oligopsonios-e-entregadores-alguns-numeros.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2023.



“oligopsônio”. O Líder da iFood explica que o tratamento do articulista para com o funcionamento da empresa não utiliza “números locais do setor de entrega de comidas”. E segue sua explicação pontuando que a empresa é a maior *foodtech* da América Latina, com muito boa reputação, comprovada por rankings como os elaborados pela RepTrak Company. Segundo o Líder, 170 mil entregadores trabalhavam com o aplicativo no Brasil de 2020; conectados em média por três horas por dia e com rendimentos médios de R\$9,50 por hora. Diz Sabino que, se subtraídas as horas de espera, considerando somente as horas trabalhadas, o valor médio de remuneração sobe para R\$21,00, o que significa “mais de quatro vezes o preço-hora implícito no salário-mínimo”.

As estatísticas de jornada de trabalho e de rendimento, elencadas por Sabino, não estão disponíveis para o escrutínio. As que estão disponíveis mostram o recorte enviesado do artigo que, realmente, deve ser pensado como propaganda; não pode ser considerado para uma análise rigorosa da situação e das condições de trabalho. Por exemplo, a pesquisa de reputação citada por Sabino não disponibiliza a totalidade da metodologia utilizada, nem nos relatórios encontrados para o ano de 2020<sup>25</sup>, nem para o ano anterior<sup>26</sup>. Não é possível saber como se chega à boa reputação, por exemplo entre os trabalhadores, já que a pesquisa se baseia na atitude das pessoas em geral, captadas nas redes sociais, sem aprofundamento sobre os métodos para os recortes dessas pessoas e dos pesos dados às atitudes coletadas por meio de *Machine Learning*, *Natural Language Processing* e Inteligência Artificial.

Seguindo com o segundo exemplo, destacamos a propagação das chamadas **cozinhas fantasmas** (expressão do inglês *ghost kitchens* ou *dark kitchens*). Trata-se de cozinhas montadas unicamente para a entrega de comida via aplicativo. Não se trataria, portanto, de um restaurante, o que implica em uma regulação distinta e na maior dificuldade para fiscalização desses espaços. Impostos e regulações a que

---

<sup>25</sup> THE REPTRAK COMPANY. *2020 Global RepTrak: a decade of reputation leaders*. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.rankingthebrands.com/PDF/Global%20RepTrak%20100%20Report%202020,%20Reputatio%20Institute.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>26</sup> REPUTATION INSTITUTE. *Winning in the New Reputation Economy: 2019 Global RepTrak*. Disponível em: [https://ri.reptrak.com/hubfs/\\_PDF/Global%202019\\_FINAL\\_March4.pdf](https://ri.reptrak.com/hubfs/_PDF/Global%202019_FINAL_March4.pdf). Acesso em: 01 set. 2023.



restaurantes estão submetidos não seriam facilmente aplicáveis às **cozinhas fantasmas**. Na cidade de São Paulo, em 2021, pela investigação realizada por William Cardoso na Folha de S. Paulo, de oito **cozinhas fantasmas** visitadas, cinco delas tinham pendências de regularização ou vistoria<sup>27</sup>. Além disso, o aluguel de espaços sem a finalidade declarada é uma forma de burlar a regulação desses espaços.

O terceiro e último exemplo está diretamente ligado à noção de guerra híbrida e diz respeito às práticas de desmobilização da ação política dos trabalhadores pela *Foodtech*. Práticas que vieram à tona por meio do trabalho de jornalismo investigativo da Agência Pública<sup>28</sup> que, por mais de um ano, realizou entrevistas e teve acesso a documentos que comprovam tais práticas. Clarissa Levy, repórter responsável pela publicação das informações, explicita a “máquina oculta de propaganda do iFood”, com detalhes sobre a infiltração de pessoas que se passavam por entregadores em protestos e a criação de páginas nas redes sociais para disseminação de conteúdos e perfis falsos. O objetivo dessas práticas estava no estabelecimento de pautas de interesse da empresa-aplicativo, que poderiam distorcer as pautas dos trabalhadores e disputar a **narrativa** sobre as condições de trabalho. A reportagem explica o modelo de propaganda adotado pela iFood, nos seguintes termos:

O modelo [da iFood] era o de propaganda lado B. Tipo o que o Bolsonaro faz com o gabinete do ódio, mas que as agências já fazem há muito tempo [...] O lado B é uma prática de campanha política, eles sempre fazem. Toda campanha grande tem uma equipe lado B que basicamente faz conteúdo sobre um inimigo. Sempre sem assinar.

A tática de propaganda da iFood foi uma reação aos protestos que ganharam as redes, as mídias sociais e as ruas em 2020, na paralisação conhecida como Breque dos Apps, citada mais acima. Esse movimento foi em grande medida influenciado

---

<sup>27</sup> CARDOSO, William. Cozinhas fantasma se espalham por São Paulo durante a pandemia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/07/cozinhas-fantasma-se-espalham-por-sao-paulo-durante-a-pandemia.shtml>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<sup>28</sup> LEVY, Clarissa. A máquina oculta de propaganda do iFood. **Agência Pública**, 04 abr. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/>. Acesso em: 1 fev. 2023.



pelo grupo intitulado Entregadores Antifascistas e pela figura de Paulo Roberto Lima, o Galo, que ganha relevância mais ampla como liderança popular e tem sofrido perseguições por sua atuação<sup>29</sup>. Pouco mais de uma semana após a paralisação dos entregadores, a máquina de propaganda da iFood criou a página Não Breca Meu Trampo, no Facebook, com o intuito de distorcer as pautas da greve, disseminando uma perspectiva apolítica para o movimento. Um dos posts falsos criados pela campanha utilizava, segundo os idealizadores, uma **linguagem tosca** para facilitar a comunicação com os entregadores e pedia: “Greve política não!”. A reportagem destaca ainda a descrição da página no Facebook que anuncia:

A gente quer melhorar de vida e ganhar mais. SEM patrão e salário mínimo. No corre bem-feito a gente tira mais e não tem chefe pra encher o saco. A gente quer liberdade pra tramar pra quem a gente quiser!

A atuação dessa máquina de propaganda perdurou ao longo de 2021 e desacelerou os movimentos por melhores condições de trabalho. No entanto, a pressão por meio da ação política dos trabalhadores, da publicação de pesquisas como a Fairwork Brasil 2021: Por Trabalho Decente na Economia de Plataformas<sup>30</sup>, junto a condições materiais, como o aumento dos preços dos combustíveis, exigiram da iFood uma resposta concreta à principal pauta dos entregadores, o que resultou no aumento da taxa de entrega. Os avanços discretos em face da realidade de precariedade do trabalho devem ser reconhecidos e utilizados para a continuação das ações dos trabalhadores e para a formulação de políticas públicas que promovam proteção social e melhores condições de trabalho.

Dessa forma, esta pesquisa busca somar-se ao empenho de produção de dados sobre o processo de uberização e contribuir para promoção de ações e políticas públicas voltadas ao trabalho, ao emprego e à renda. Nas páginas a seguir,

---

<sup>29</sup> LAROZZA, Felipe; SALLES, Iuri. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. *The Intercept Brasil*, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/11/25/paulo-galo-entregadores-antifascistas-borba-gato-revolucao/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<sup>30</sup> FAIRWORK. *Fairwork Brasil 2021: por trabalho decente na economia de plataformas*. Oxford, UK: Oxford Internet Institute, 2022. Disponível em: <https://fair.work/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/Fairwork-Report-Brazil-2021-PT-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.



apresentamos a metodologia, os resultados e as análises empreendidas, na busca por dialogar com outras pesquisas realizadas nos últimos anos.

## 2. Metodologia

Em outros escritos, explicamos os caminhos percorridos e os objetivos do projeto Pobreza Multidimensional no Brasil <sup>31</sup>, desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos em um esforço interinstitucional liderado pelas Universidades de Cardiff (Reino Unido) e Estadual de Campinas (Unicamp), e pela coordenação em conjunto com pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), além do apoio e financiamento de outras instituições como o Ministério Público do Trabalho. Em termos gerais, este projeto tem como pergunta central: o que brasileiras e brasileiros pensam ser um padrão de vida digno no Brasil de hoje? A partir da metodologia da Abordagem Consensual<sup>32</sup>, o projeto tem por objetivo possibilitar a superação da perspectiva monetária da pobreza, a participação dos vários grupos sociais na definição da dignidade e o questionamento de uma visão individualizante da pobreza e da vulnerabilidade. A partir da Abordagem, foi possibilitada, por exemplo, pensarmos no que é o trabalho decente para as brasileiras e brasileiros.

Essa metodologia tem por passo primordial os grupos focais com parcelas das mais diversas na sociedade, na busca pela representatividade. A discussão promovida nesses grupos focais busca estabelecer um consenso sobre itens, serviços e outros

---

<sup>31</sup> UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia Manuella; NANDY, Shailen; FERNANDEZ, Gabriela Fraga *et al.* O que os brasileiros pensam ser necessário para que se tenha um padrão de vida digno em seu país? Estudo piloto na cidade de São Paulo. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v. 4, p. 1-27, 2021. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/87>. Acesso em: 11 mar. 2022; UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia M.; NANDY, Shailen; FERNANDEZ, Gabriela Fraga *et al.* Trabalho decente para uma vida digna: um estudo piloto a partir da abordagem consensual na cidade de Campinas. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v. 5, p.1-38, 2022. Disponível em: <http://www.revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/120> . Acesso em: 3 ago. 2022.

<sup>32</sup> LANAU, Alba; MACK, Joanna; NANDY, Shailen. *Including services in multidimensional poverty measurement for SDGs: modifications to the consensual approach*. *Journal of Poverty and Social Justice*, Bristol, UK, v. 28, n. 2, p. 149-168, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340673347\\_including\\_services\\_in\\_multidimensional\\_poverty\\_measurement\\_for\\_SDGs\\_modifications\\_to\\_the\\_consensual\\_approach](https://www.researchgate.net/publication/340673347_including_services_in_multidimensional_poverty_measurement_for_SDGs_modifications_to_the_consensual_approach). Acesso em: 01 set. 2023.



aspectos imprescindíveis para que se tenha uma vida digna, levando em consideração a sociedade e o tempo em que se vive. Dos grupos focais o principal resultado é uma lista de itens e serviços intitulados Necessidades Socialmente Percebidas (NPS), organizada entre necessidades de adultos, de crianças e aquelas compartilhadas por pessoas de todas as idades. A partir dessa lista, há a possibilidade de ampliação do consenso pela aplicação de questionários, instrumento menos custoso e que possibilita o alargamento da participação social, o que não poderia ser alcançado pelos grupos focais.

Desde a primeira experiência de grupos focais em Campinas, várias etapas do projeto foram conduzidas no estado de São Paulo e, mais recentemente, em um município baiano, deslocando o projeto do sudeste do país. Na etapa conduzida na capital paulista em 2021, ainda sob os momentos mais críticos da crise sanitária no país, foi aplicado um questionário com mais de 2300 participantes, compondo uma amostra representativa da cidade. O questionário continha perguntas sobre dados sociodemográficos, sobre condições de moradia e de vida, situação de trabalho e renda, além de questões sobre as Necessidades Socialmente Percebidas e Privação. Vale ressaltar que essa etapa implicou em cuidados e proteção dos participantes e da equipe de campo<sup>33</sup>. A amostragem e os detalhes do trabalho em campo estão detalhados em publicação recente<sup>34</sup>, no entanto, para que se possa compreender em termos gerais a amostra, a Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes por sexo, raça, idade, escolaridade e renda.

---

<sup>33</sup> Agradecemos à equipe da Painel Pesquisas, responsável pelo trabalho em campo e pela condução cuidadosa em meio à crise sanitária.

<sup>34</sup> UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato. Preferências adaptativas, pobreza multidimensional e políticas públicas: os contornos da dignidade humana. **Revista Direito Público**, Brasília, DF, v. 19, n. 104, p. 16-46, 2023. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/6954>. Acesso em: 01 set. 2023.



**Tabela 1 - Distribuição do total dos participantes por sexo, raça, idade, escolaridade e renda**

Gênero		Escolaridade	
Mulher	52,5%	Não alfabetizado	1,7%
Homem	47,5%	Ensino fundamental incompleto	6,1%
Raça		Ensino fundamental completo	5,5%
Branca	45,7%	Ensino médio incompleto	11,4%
Preta	32,0%	Ensino médio completo	45,2%
Parda	20,0%	Ensino superior incompleto	10,2%
Amarela	1,1%	Ensino superior completo	15,6%
Indígena	0,5%	Pós-graduação <i>strito sensu</i> ou <i>lato sensu</i>	4,3%
Outro	0,7%	Renda	
Idade		Não quero declarar	2,7%
18 a 29 anos	24,8%	Sem renda	0,5%
30 a 49 anos	47,0%	Até R\$ 550,00	1,1%
50 a 60 anos	22,8%	R\$ 551,00 a 1.100,00	3,7%
Acima de 70 anos	5,4%	R\$ 1.101,00 a 2.200,00	32,0%
		R\$ 2.201,00 a 3.300,00	23,6%
		R\$ 3.301,00 a 5.500,00	14,3%
		R\$ 5.501,00 a 7.700,00	10,8%
		R\$ 7.701,00 a 10.000,00	6,8%
		R\$ 10.001,00 a 20.000	2,9%
		Acima de R\$ 20.001	1,6%

Fonte: Elaboração própria, 2023

Nas linhas a seguir, passamos aos resultados do recorte que mais nos interessa neste escrito: as trabalhadoras e os trabalhadores que indicaram trabalhar ou se virar em empresas-aplicativo.

### 3. Apresentação de Resultados

Para apresentação dos resultados, organizamos os dados em três seções. A primeira delas apresenta dados relativos a aspectos gerais sobre os participantes, com recortes de raça, gênero, idade, situação familiar e escolaridade. Em seguida, passamos às condições de trabalho e renda, com a apresentação de informações



sobre a situação de trabalho, a renda e a estabilidade da renda, e o tipo de atividade exercida pelos trabalhadores em empresas-aplicativo. Logo depois, passamos à descrição de aspectos relacionados à condição de vida, voltadas à insegurança alimentar e condições de moradia. A última seção registra os impactos da pandemia no trabalho, o recebimento de Auxílio Emergencial e a percepção da mortalidade em decorrência da Covid-19. Em todas as seções, buscamos justificar nossas escolhas e recortes. A apresentação dos resultados é sucedida da discussão com base na literatura sobre uberização, conforme anunciamos mais acima.

### 3.1. Raça, gênero, idade, situação familiar e escolaridade

Entre julho e setembro de 2021, dos 2303 participantes, 295 trabalhavam ou se viravam em empresas-aplicativo, o que corresponde a 13% do total da amostra. Dentre esses 295, 254 (86%) trabalhavam para empresas-aplicativo ocasionalmente para complementar suas rendas, ou seja, se viravam; enquanto 41 (14%) pessoas tinham o trabalho para essas empresas como principal atividade e fonte de renda. Em relação à distribuição dos participantes por gênero, 144 (48,8%) identificaram-se como mulheres e 151 (51,2%) como homens. A distribuição por raça deu-se da seguinte forma: autodeclarados negros (pretos e pardos, conforme nota técnica do IBGE<sup>35</sup>) correspondem a 161 (54,91%) participantes; os participantes autodeclarados brancos corresponderam a 126 (42,7%); autodeclarados amarelos e indígenas correspondem a 8 (1,4%) participantes, na seguinte composição 3 autodeclarados amarelos e 5 autodeclarados indígenas.

Os dados de escolaridade mostram que entre pessoas não alfabetizadas e com ensino fundamental completo são 24 (8,2%) e 15 (5,1%), respectivamente. A maioria tinha ensino médio completo, eram 149 (50,5%) participantes; ainda, 52 (17,60%) participantes afirmaram ter o ensino médio incompleto. Os que, em 2021, cursavam ou já haviam concluído o ensino superior eram 50 (16,9%). Os pós-graduados (*stricto*

---

<sup>35</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Histórico da investigação sobre cor ou raça nas pesquisas domiciliares do IBGE. *In*: IBGE. **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.



*sensu* ou *lato sensu*) correspondiam a 5 (1,7%). Em relação à situação familiar, registramos dois dados que surgem como relevantes: o estado civil e a quantidade de crianças que moram no domicílio do participante. Os dados relativos ao estado civil mostram que 110 (37,3%) participantes estavam solteiros; 90 (30,5%) estavam casados e 22 (7,5%) amasiados, sem formalização da relação do casal. Divorciados e separados correspondiam a 40 (13,6%) participantes. Viúvos correspondiam a 23 (7,8%) participantes e outros 10 (3,4%) preferiram não detalhar seu estado civil.

Buscamos saber da situação familiar a partir da grupalidade de pessoas que residem no mesmo domicílio. Isso inclui indicar se havia crianças residindo no domicílio dos participantes. No entanto, não foi possível saber se os dados sobre crianças correspondem à paternidade ou à maternidade dos participantes. Argumentamos que, registrar se crianças moram no domicílio do participante é um dado significativo para pensar em políticas públicas voltadas a grupos familiares com crianças e adolescentes que estão mais vulneráveis e necessitam de proteção social garantida por lei. Sobre esses dados, é possível afirmar que a maioria, exatamente 164 (55,6%) participantes, indicou que em suas casas não moravam crianças; 103 (34,9%) residiam com até duas crianças em seu domicílio; 28 (9,5%) participantes tinham entre três e cinco crianças residindo em seu domicílio. Em um esforço de síntese, a Tabela 2 detalha a distribuição da amostra por sexo, raça, idade, estado civil e escolaridade.



**Tabela 2 - Distribuição dos trabalhadores em empresas-aplicativo por sexo, raça, idade, escolaridade e renda**

Sexo		Escolaridade	
Mulher	48,80%	Não alfabetizado	4,10%
Homem	51,20%	Ensino fundamental incompleto	4,10%
Raça		Ensino fundamental completo	5,10%
Branca	42,70%	Ensino médio incompleto	17,60%
Preta	40,70%	Ensino médio completo	50,50%
Parda	14,21%	Ensino superior incompleto	9,80%
Amarela	1,03%	Ensino superior completo	7,10%
Indígena	1,36%	Pós-graduação <i>strito sensu</i> ou <i>lato</i>	1,70%
Idade		Estado Civil	
18 a 29 anos	37,30%	Amasiado	7,50%
30 a 49 anos	47,80%	Casado	30,50%
50 a 60 anos	13,22%	Divorciado(a)	7,10%
Acima de 70 ano:	1,68%	Outros	3,40%
		Separado(a)	6,40%
		Solteiro	37,30%
		Viúvo(a)	7,80%

Fonte: Elaboração própria, 2023

Pela centralidade da relação entre raça e gênero para compreensão no mercado de trabalho brasileiro<sup>36</sup>, destacamos que 77 (53,5%) mulheres autodeclararam-se pretas e pardas, 64 (44,4%) brancas, e amarelas e indígenas são 1 (0,7%) e 2 (1,4%), respectivamente. Entre os homens, pretos e pardos correspondem a 84 (55,6%) participantes, enquanto autodeclarados brancos correspondem a 62 (41,1%). Amarelos e indígenas são 2 (1,3%) e 3 (2,0%), respectivamente.

<sup>36</sup> ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000400020](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400020). Acesso em: 01 set. 2023.



### 3.2. Condições de trabalho e renda

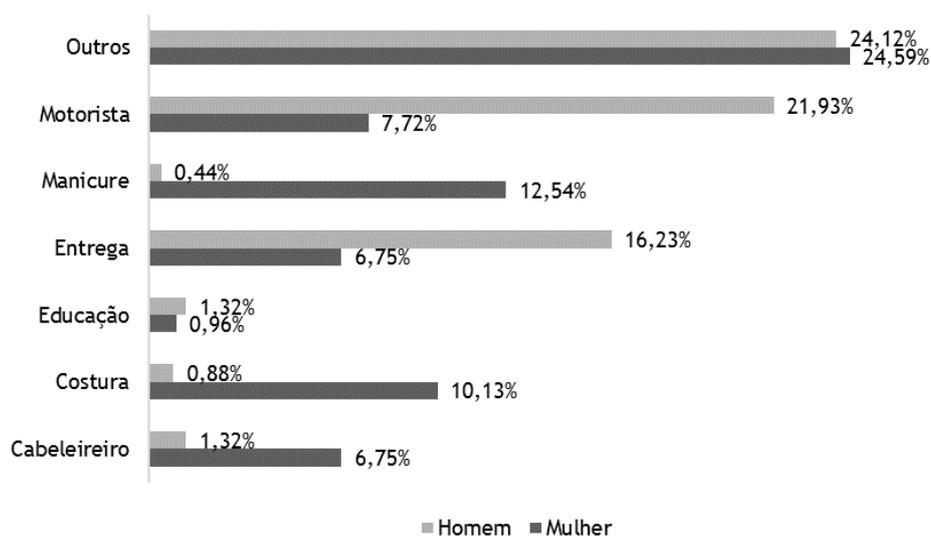
Ao serem questionados sobre sua situação de trabalho, 70 (23,7%) participantes disseram estar empregados no setor privado; os autônomos correspondiam a 69 (23,4%) participantes. Trabalhadores informais e desempregados eram 55 (18,6%) e 41 (13,9%) participantes, respectivamente.

Outro aspecto que buscamos levantar está relacionado à renda e à estabilidade da renda. Procuramos registrar não apenas o montante recebido advindo de trabalho pelo participante no último mês, mas compreender se havia estabilidade nesse valor ao longo dos últimos meses. A maioria dos participantes, exatamente 148 (50,2%), ganham até R\$ 2.200,00. Foi registrada uma significativa instabilidade de renda, com 238 (75,2%) participantes afirmando ter renda mais ou menos estável e muito instável, variando muito de mês a mês.

Importa indicar que a maioria dos participantes, exatamente 105 (35,6%) deles, não detalhou o tipo de atividade realizada, indicando apenas trabalhar ou se virar em empresas-aplicativo. Cruzando os dados de situação de trabalho e tipo de atividade, foi possível identificar que 5 (4,76%) participantes que não detalharam o tipo de atividade afirmaram ser trabalhadoras domésticas quando questionadas sobre sua situação de trabalho, sendo 3 mulheres pretas, 1 mulher branca e 1 homem preto.

Entre aqueles que detalham o tipo de atividade realizada, 66 (22,4%) eram motoristas de transporte individual e 51 (17,3%) realizavam serviços de entrega. Serviços de beleza também estão entre os tipos de atividade mencionadas, 27 (9,2%) dos participantes realizavam serviço de manicure e 17 (5,8%) de cabelo. Serviços de costura também foram mencionados por 23 (7,8%) participantes. Os serviços educacionais surgem discretamente na amostra, 5 (1,7%) participantes indicaram realizar atividades voltadas à educação e ao ensino de idiomas em empresas-aplicativo. Ao relacionarmos o tipo de atividade por gênero, temos a presença quase triplicada de homens nos serviços de entrega e de motorista, e a presença quase absoluta de mulheres nos serviços de beleza e de costura. O Gráfico 1 apresenta essa relação.



**Gráfico 1 - Relação entre tipo de atividade e gênero**

Fonte: Elaboração própria, 2023

Entre aqueles que detalham o tipo de atividade realizada, 66 (22,4%) eram motoristas de transporte individual e 51 (17,3%) realizavam serviços de entrega. Serviços de beleza também estão entre os tipos de atividade mencionadas, 27 (9,2%) dos participantes realizavam serviço de manicure e 17 (5,8%) de cabelo. Serviços de costura também foram mencionados por 23 (7,8%) participantes. Os serviços educacionais surgem discretamente na amostra, 5 (1,7%) participantes indicaram realizar atividades voltadas à educação e ao ensino de idiomas em empresas-aplicativo.

### 3.3. Condições de vida

Para investigar as condições de vida dos participantes, estabelecemos, por meio da Abordagem Consensual, o nível de privação a que estão sujeitos esses trabalhadores. O nível de privação é consolidado por meio da lista de itens que são socialmente percebidos como necessidade para um padrão de vida digno, desde alimentação a atividades sociais e lúdicas, as já mencionadas Necessidades



Socialmente Percebidas. Perguntamos, por exemplo, se esses trabalhadores conseguem comer proteína animal todos os dias. Em caso de resposta negativa, perguntamos sobre os porquês de não conseguirem consumir o alimento todos os dias, com as seguintes opções de resposta: por não poderem pagar pelo alimento; por não desejarem consumir o alimento; ou, ainda, por outros motivos, como por exemplo, não terem fácil acesso ao alimento no local onde vivem.

Se o motivo de não terem o item for relacionado a não poderem pagar pelo alimento, consideramos que há uma privação forçada. Para cada item que o participante indica não ter, os motivos relacionados a não poderem pagar são registrados e formam um índice de privação forçada. Estabelecido esse índice, passamos a relacioná-lo ao acesso a recursos materiais, o que inclui a renda, mas não se limita a esse dado. Na capital paulista, a partir dos 2300 participantes (total da amostra) verificamos que a situação de pobreza é acentuada quando da privação forçada de três ou mais itens percebidos como necessários para um padrão de vida digno e quando da renda familiar menor do que R\$ 2.200,00. Esses parâmetros foram utilizados para agrupar em faixas os mais protegidos e os menos protegidos na capital. A Tabela 3 detalha esse agrupamento.

**Tabela 3 - Agrupamento para diferenciação de pobres e não pobres no total da amostra estudada**

Agrupamento	Faixas	Definição das faixas	Frequência	%
	Pobres	Renda igual ou inferior a R\$2.200,00, com três ou mais privações	494	21,5
Pobres	Vulneráveis	Renda igual ou inferior a R\$2.200,00, com até duas privações	410	17,8
	Vulneráveis pela renda	Renda igual ou inferior a R\$2.200,00, sem privações	361	15,7
	Ascendentes	Renda superior a R\$2.200,00, com mais de 3 privações	78	3,4
Não Pobres	Protegidos	Renda superior a R\$2.200,00, com até duas privações	241	10,4
	Não pobres	Renda superior a R\$2.200,00, sem privações	718	31,2

Fonte: Elaboração própria, 2023



Quando aplicamos esses parâmetros da capital para o recorte da amostra de trabalhadores em empresas-aplicativo, temos 183 (62%) trabalhadores com renda igual ou inferior a R\$ 2.200,00. Apenas 24 (8,13%) deles afirmam não passar por nenhuma privação forçada. Os que afirmam que são privados de um a três itens percebidos socialmente como necessários para um padrão de vida digna correspondem a 99 (33,55%). Aqueles que estão privados de mais de 3 a 6 itens correspondem a 82 (27,79%) participantes. A privação de mais de seis itens é a realidade para 90 (30,50%) participantes.

Além da relação entre privação forçada e renda, a insegurança alimentar para esse grupo foi avaliada a partir da Escala de Vivência da Insegurança Alimentar (FIES - *Food Insecurity Experience Scale*) que mensura tanto a falta de acesso à comida, quanto a falta de acesso à comida saudável e de qualidade<sup>37</sup>. São significativos o número de participantes que afirmaram preocupação por não ter comida suficiente por falta de dinheiro ou de outros meios para ter comida e que indicaram comer apenas alguns tipos de alimentos por falta de dinheiro ou de outros meios para obter comida, 135 (45,8%) e 122 (41,4) participantes, respectivamente. Os dados da amostra total para esses dois itens são 468 (20,3%) e 379 (16,5%). Nesse sentido, temos na comparação entre o total da amostra e os trabalhadores em empresas-aplicativo, mais que o dobro de participantes trabalhadores em empresas-aplicativo indicando preocupação e pouca variedade de sua alimentação por falta de recursos e de acesso. A Tabela 4 apresenta os percentuais de resposta para cada pergunta da escala de insegurança alimentar entre os trabalhadores em empresas-aplicativo.

---

<sup>37</sup> CAFIERO, Carlo; VIVIANI, Sara; NORD, Mark. *Food security measurement in a global context: the Food Insecurity Experience Scale*. FAO - *Food and Agriculture Organization of the United Nations*, 15 nov. 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/in-action/voices-of-the-hungry/resources/resources-details/en/c/1062771/> Acesso em: 22 jun. 2021.



**Tabela 4 - Insegurança Alimentar entre trabalhadores em empresas-aplicativo**

No último mês, o entrevistado...	Sim	Não	Não sei	Não quero responder
...ficou preocupado por não ter comida suficiente por falta de dinheiro ou outros meios	45,80%	51,50%	0,70%	2%
...não conseguiu ter uma alimentação saudável e nutritiva por falta de dinheiro ou outros meios	25,10%	71,50%	0,00%	3%
...comeu apenas alguns tipos de alimentos por falta de dinheiro ou outros meios	41,40%	55,60%	0,00%	3%
...deixou de fazer alguma refeição, porque não havia dinheiro ou outro meio de obter alimentos	13,60%	83,40%	0,00%	3%
...comeu menos do que achava que devia, por falta de dinheiro ou outros meios	16,30%	85,40%	0,30%	3%
...ficou sem comida em sua casa por falta de dinheiro ou outros meios	11,20%	85,40%	0,30%	3%
...sentiu fome, mas não comeu, porque não tinha dinheiro ou outro meio de obter alimentos	16,60%	80,30%	0,30%	3%
...ficou um dia inteiro sem comer por falta de dinheiro ou outros meios	7,50%	89,50%	0,00%	3%

Fonte: Elaboração própria, 2023

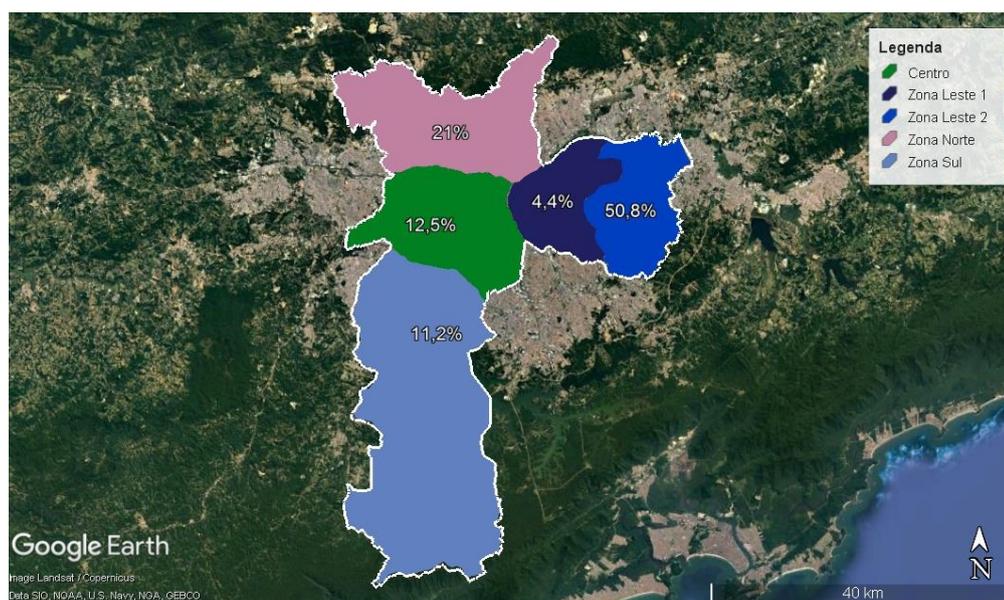
Foi possível também avaliar as condições de moradia do grupo de trabalhadores. Perguntamos sobre as condições físicas da moradia, assim como se havia pagamento de aluguel ou se se tratava de imóvel próprio que ainda está sendo pago, ou já foi pago ou, ainda, foi herdado. A maioria dos trabalhadores moravam em casas de rua, de alvenaria com revestimento, exatamente 190 (64,4%) participantes. Ainda 47 (16%) participantes indicaram morar em barracos, cômodos e cortiços. Os que afirmaram pagar aluguel ou parcela de financiamento correspondem a 145 (49,15%) participantes. O valor médio de aluguel ou parcela era de R\$998,00. Outros 121 (41,1%) participantes indicaram possuir casa própria já quitada. Os demais participantes não especificaram a situação de moradia.

Um segundo aspecto sobre a moradia diz respeito ao local onde moram esses trabalhadores. Em nossa pesquisa, o território da capital paulista foi dividido em cinco zonas: Centro, Leste 1, Leste 2, Norte e Sul. A Figura 1 ilustra a concentração de moradores em cada uma dessas divisões e aponta para a Zona Leste 2, na extrema periferia da Zona Leste da capital paulista, como a divisão com maior número de trabalhadores em empresas-aplicativo: 150 (50,8%) participantes. A Zona Leste 2 é



seguida pela Zona Norte com 62 (21%) participantes. No Centro e na Zona Sul o número de moradores trabalhadores em empresas aplicativo era similar, 37 (12,5%) e 33 (11,2%) participantes, respectivamente. Na Zona Leste 1, moravam apenas 13 (4,4%) participantes.

**Figura 1 - Local de moradia dos trabalhadores em empresas-aplicativo na cidade de São Paulo**



Fonte: Elaboração própria, 2023

Em 2021, ainda durante momentos críticos da crise sanitária, buscamos compreender os impactos na pandemia entre paulistanas e paulistanos. Alguns aspectos foram relevantes para o que buscamos compreender, especialmente, os impactos da pandemia no trabalho e a renda, no recebimento do auxílio emergencial e na mortalidade de pessoas próximas ou conhecidas na experiência dos participantes.

Para os 2303 participantes (total da amostra), 1447 (62,8%) indicaram que houve impacto em seus trabalhos relacionados à pandemia. Para 960 (66,3%) participantes, entre os impactos mais significativos está a redução de renda. Apenas



31 (2,1%) participantes indicaram aumento de renda. O Auxílio Emergencial foi recebido por 1081 participantes (46,9%) do total da amostra. Sobre o contágio e a mortalidade na experiência pessoal dos participantes, 176 (7,6%) participantes afirmaram que pessoas de sua família residentes em seu domicílio faleceram como decorrência da Covid-19; 792 (34,4%) participantes indicaram a morte de familiares que não residiam no seu domicílio. No círculo mais próximo de amigos, 1417 (61,5%) perderam alguém; número que aumenta para 1878 quando ampliamos a pergunta para o círculo de conhecidos dos participantes.

Dentre os trabalhadores em empresas-aplicativo, 165 (55,9%) indicaram redução da renda advinda do trabalho; outros 46 (15,6%) participantes indicaram redução de horas de trabalho e 7 (2,4%) afirmaram um aumento das horas de trabalho. Apenas 1 (0,30%) participante afirmou ter um aumento de sua renda durante a pandemia. O Auxílio Emergencial foi recebido por 206 (69,8%) participantes. Sobre a mortalidade da Covid, 27 (9,2%) indicaram que pessoas que de sua família, que moravam no mesmo domicílio que o participante, faleceram em decorrência da Covid-19; 120 (40,7%) indicaram que familiares que não moravam no seu domicílio faleceram em decorrência da doença. A morte de amigos mais próximos foi reportada por 176 (59,7%) participantes. Expandido para o círculo de conhecidos, 245 (83,1%) participantes afirmaram conhecer pessoas vitimadas pela Covid.

#### 4. Discussão

Diante dos dados colhidos e da amplitude das análises possíveis a partir deles, organizamos nossa discussão a partir das seguintes categorias: o trabalho para empresas-aplicativo e a gestão da polimorfia do trabalho; o trabalho amador para homens jovens negros e periféricos; a uberização como vetor de pobreza e vulnerabilidade; e os impactos da pandemia para o grupo de trabalhadores em empresas-aplicativo. Essa tentativa de organização da discussão, busca enfatizar nossos interesses de pesquisa e promover o diálogo com outras pesquisas realizadas nos últimos sete anos nas ciências do trabalho, em especial, no campo da Psicologia



Social do Trabalho, na Sociologia e Antropologia do Trabalho e no Direito do Trabalho.

#### 4.1. O trabalho para empresas-aplicativo e a gestão da polimorfia do trabalho

O emprego como organizador geral do mercado de trabalho não chegou a ser uma realidade para a maioria da classe-que-vive-do-trabalho na América Latina<sup>38</sup>. Reconhecer o emprego como um horizonte nunca alcançado, mais que uma realidade consolidada em nosso solo, é parte de uma redefinição do próprio conceito de trabalho, a qual pesquisadoras e pesquisadores latino-americanos esforçam-se por realizar. A utilização da palavra trabalho como sinônimo de emprego revela a limitação de uma análise baseada em uma história que não é a nossa: a história europeia, em especial, no desenvolvimento do Estado de Bem-Estar Social.

Recolocar a questão do trabalho em nossa região do mundo é, por isso, reconhecer que a fragilidade e precariedade do emprego como parte estrutural do mercado de trabalho no Brasil. Essa fragilidade demandou o *se virar*, o estar entre a formalidade e informalidade. É, nesse sentido, que pensar que o trabalho em nosso país demanda caracterizá-lo a partir do trânsito constante das trabalhadoras e dos trabalhadores entre a formalidade e a informalidade: elas e eles estão em várias atividades ao mesmo tempo, transitando entre mercados, buscando e criando trabalho.

A esse pressuposto, Sato dará o nome de “polimorfia do trabalho”<sup>39</sup>. Para a autora, o nome remete às inúmeras formas de sobrevivência pelo trabalho presentes no dia a dia da população brasileira. A polimorfia do trabalho torna-se uma ferramenta analítica inventiva, que considera uma perspectiva dinâmica e histórica do trabalho, levando em conta as transformações que as várias formas de trabalhar sofrem ao longo do tempo a partir de nosso lugar no mundo. Além disso, reconhecer

---

<sup>38</sup> ANTUNES, Ricardo. *O continente do labor*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

<sup>39</sup> SATO, Leny. Diferentes faces do trabalho no contexto urbano. *In*: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny (org.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 151-174. (Coleção Psicologia Social).



a polimorfia do trabalho possibilita compreender a precariedade estrutural para além da atual precarização.

Nos dados apresentados, foi possível perceber a precariedade das condições de emprego dos trabalhadores e a gestão da informalidade e do desemprego pelas empresas-aplicativo. Mais de 1/5 (23,7%) desses trabalhadores estão, ao mesmo tempo, empregados em empresas privadas e se viram nas empresas-aplicativo. O percentual aponta para uma realidade de trabalho com mais horas de trabalho, se considerarmos as horas de emprego e de viração; com baixa remuneração que deve ser complementada em *bicos* e *freelances*. Os números de autônomos (23,4%), de trabalhadores informais (18,6%) e de desempregados (13,9%) apontam também para as empresas-aplicativo como gestoras da informalidade e do desemprego. Embora aposentados e pensionistas (3,7%), e empregados no setor público (2,7%) também estejam entre trabalhadores em empresas-aplicativo, os números são menos significativos quando comparados com empregados no setor privado, informais e autônomos.

Cabe ressaltar que entre os trabalhadores em empresas-aplicativo há os que compreendem sua atual situação de trabalho como empresários (2%) e os que são registrados como Microempreendedores Individuais (6,1%), ou seja, como empreendedores consolidados ou em pequenas atividades empreendedoras no mercado. Isso aponta para a pouca aderência e congruência no uso do termo “empreendedor” para caracterizar os trabalhadores em empresas-aplicativo, como tem sido utilizado pelas empresas-aplicativo, pela mídia e por decisores políticos nas últimas décadas.

#### 4.2. O trabalho amador para homens jovens negros e periféricos

Para Abílio, a uberização traz consigo a consolidação do “trabalho amador”<sup>40</sup>. Isto é, consolida

---

<sup>40</sup> ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Blog da Boitempo**. São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>. Acesso em: 3 fev. 2023.



um trabalho que é trabalho, mas que não confere identidade profissional, que não tem alguns dos elementos socialmente estabelecidos que envolvem as regulações do Estado e estruturam a identidade do trabalhador enquanto tal.

Dessa forma, aprofunda-se a perda de qualquer regulação ou negociação sobre remuneração, distribuição e jornada de trabalho.

A fim de exemplificar esse tipo de trabalho, Abílio fornece a comparação entre taxistas e motoristas da empresa-aplicativo Uber. Os primeiros possuem uma identidade profissional estabelecida, que se mistura com o desenvolvimento das grandes cidades no século passado. Há para os taxistas prestações de contas e regulações para com o Estado. O segundo grupo de trabalhadores, por sua vez, é caracterizado pela habilidade mais geral de dirigir e de ter a permissão formal para guiar um carro, a carteira de habilitação. De partida, não pode haver uma identidade profissional para esse grupo já que a atividade se caracteriza por aquilo que é mais generalizante e provisório. O trabalho amador seria realizado por gosto ou curiosidade; não deveria ser levado a sério, como uma profissão.

Na amostra de trabalhadores em empresas-aplicativo, notamos que o amadorismo está presente no nível de escolaridade. A maioria dos trabalhadores, mais de 81% deles, possuem até o ensino médio completo. Os outros 19% cursam ou já concluíram o ensino superior, ou já possuem curso de pós-graduação *stricto* ou *latu sensu*. Se relacionamos gênero, escolaridade e tipo de atividade realizada, é possível perceber que as mulheres realizam atividades que demandam alguma especialização. São cabeleireiras, manicures e costureiras; enquanto os homens são entregadores e motoristas. Eles parecem depender de habilidades mais dispersas socialmente, que não demandam um tempo de formação, aprendizagem ou especialização. O que reforça um cenário em que eles estão sujeitos a ainda maior rotatividade, impermanência e concorrência.

Adicionadas raça e idade à equação, é possível indicar que a uberização consolida o trabalho amador para homens jovens e adultos negros e pardos. Conforme indicado por Abílio<sup>41</sup>,

---

<sup>41</sup> ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597,



Jovens desempregados, jovens em empregos de alta rotatividade, baixa remuneração e informais passam então a acessar um novo meio de geração de ocupação e renda, para o qual é necessário simplesmente aderir, ter um cadastro aprovado, fazer um investimento econômico mínimo e criar estratégias próprias de manutenção na atividade.

A localização da moradia entre os trabalhadores em empresas-aplicativo também aponta para a periferia, sobretudo na geografia física da cidade de São Paulo, o que dialoga com pesquisas anteriores<sup>42</sup>. A Zona Leste 2, casa para mais de 50% desses trabalhadores, é nomeada por Rolnik e Frúgoli Jr<sup>43</sup> como a “posição dos que vivem fora da cidade” de São Paulo e na qual o bolsão industrial, estabelecido ao longo do século XX, definiu o embarreamento de uma “ocupação periférica”. Para os autores, a Zona Leste foi posicionada longe da “cidade das elites”, sendo composta por construções irregulares e clandestinas feitas pelos próprios moradores, e por conjuntos habitacionais construídos pelo Estado.

#### 4.3. A uberização como vetor de pobreza e de vulnerabilidade

A perspectiva multidimensional da pobreza é um ponto pacificado na literatura sobre o tema<sup>44</sup>. Compreende-se que a dimensão monetária é parte considerável da situação de pobreza e de vulnerabilidade, mas não é suficiente como único dado para a elaboração e execução de políticas públicas. É preciso analisar as condições de vida que garantem dignidade para cada sociedade, no tempo histórico em que se vive. Identificar as condições que garantem a dignidade é, ao mesmo

---

set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/zwB63zdGw9nNzqPrS7wFsMN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>42</sup> ALIANÇA BIKE. *Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo*. São Paulo: Aliança Bike, 2019.

<sup>43</sup> ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, n. 6, p. 43-66, 2. sem. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9268/6874>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>44</sup> NANDY, Shailen; GORDON, David. *Policy relevant measurement of poverty in low, middle and high income countries*. In: BRAATHEN, E; MAY, J.; ULRIKSEN, N. et al (org.). *Poverty and inequality in middle income countries: policy achievements, political obstacles*. London: CROP, Zed Books, 2016.



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

tempo, o caminho para apontar as condições que violam essa dignidade, o que podemos chamar de vetores de pobreza e vulnerabilidade. Em pesquisa anterior, por exemplo, indicamos como a discriminação é percebida pela sociedade campinense como uma barreira para o trabalho decente e como vetor de pobreza e vulnerabilidade.

Ao analisarmos o grupo de trabalhadores em empresas-aplicativo, a uberização parece surgir como vetor que aprofunda a situação de pobreza e vulnerabilidade. Pobreza e vulnerabilidade, tanto monetária, a partir da renda mensal e das condições de trabalho; quanto a pobreza em suas outras dimensões, expostas nas condições de moradia e no nível de insegurança alimentar, por exemplo. Conforme visto, mais de 60% dos trabalhadores obtêm uma renda de trabalho igual ou inferior a R\$2.200,00 por mês. Ao relacionarmos o percentual dos trabalhadores que pagam aluguel ou financiamento, o valor médio pago e a renda de trabalho, temos um panorama em que quase metade dos trabalhadores comprometeria 45% de sua renda apenas com moradia.

A insegurança alimentar entre esse grupo de trabalhadores é outro indicativo da vulnerabilidade a que estão submetidos. Quase metade da amostra mostrou preocupação com o fato de não ter ou não conseguir comida suficiente. Ainda, quatro em cada dez trabalhadores da amostra indicou comer apenas alguns tipos de comida, reduzindo a variedade de alimentos e nutrientes ingeridos. São significativos os números de trabalhadores que sentiram fome ou que comeram menos por não terem ou não conseguirem comida suficiente. Os números reforçam o entrelaçamento da pobreza e da volta do Brasil ao mapa da fome<sup>45</sup>. Nas palavras de Freitas e Pena<sup>46</sup>, a fome é um “produto histórico” da precariedade e da precarização do mercado de trabalho. Além disso, a insuficiência nutricional causada diretamente pela alimentação pouco variada, com o consumo de alimentos ultraprocessados, mais

---

<sup>45</sup> REDE PENSSAN. **Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

<sup>46</sup> FREITAS, Maria do Carmo Soares de; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Fome e Pandemia de Covid-19 no Brasil. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 34-40, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1036/834>. Acesso em: 01 set. 2023.



baratos e acessíveis aos mais pobres, colocam esses trabalhadores como grupo de risco para doenças cardiovasculares e metabólicas. O que, por sua vez, impõe maior dificuldade para recuperação de contaminações virais e bacterianas, como na Covid-19.

A partir dos parâmetros estabelecidos para a capital paulista, é possível indicar que a maioria dos trabalhadores em empresas-aplicativo estão em situação de pobreza e vulnerabilidade. Na mais rica cidade do país, esses trabalhadores em sua maioria aparecem excluídos das condições necessárias para um padrão de vida digno. O processo de uberização surge como um vetor que reforça a pobreza e vulnerabilidade, por meio de um trabalho precário, que distancia esses trabalhadores de condições de vida digna no Brasil de hoje. A uberização evidencia as limitações de uma proposta de erradicação da pobreza (em todas as suas formas) por meio do trabalho; e, por isso, nos remete à contradição fundamental do sistema capitalista: capital *versus* trabalho.

#### 4.4. Os impactos da pandemia para o grupo de trabalhadores em empresas-aplicativo

Pela ação governamental deliberada que buscou promover a “imunidade de rebanho” e o negacionismo<sup>47</sup>, compreender os impactos da pandemia na sociedade paulistana tornou-se parte dos objetivos de nosso Projeto. Os impactos em relação à renda para a totalidade da amostra e para os trabalhadores em empresas-aplicativo ressoam com os achados das pesquisas em nível nacional<sup>48</sup>, nas quais se observa a redução da renda advinda do trabalho e da renda familiar total. O reflexo do embate entre o Governo Federal e Congresso Nacional sobre o valor do Auxílio Emergencial, a demora em sua efetivação, sua insuficiência e os prejuízos à renda e ao trabalho

---

<sup>47</sup> CONECTAS DIREITOS HUMANOS (org.). **Boletim Direitos na Pandemia nº 10**. Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<sup>48</sup> TOKARNIA, Mariana. Rendimento dos brasileiros é o menor desde 2012, aponta IBGE. **Agência Brasil**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-06/rendimento-dos-brasileiros-e-o-menor-desde-2012-aponta-ibge>. Acesso em: 13 mar. 2023.



formal e informal<sup>49</sup>, estão colocados na redução da renda da maioria dos trabalhadores em empresas-aplicativo e no recebimento do Auxílio Emergencial para sobreviver à crise sanitária.

Pela desinformação propagada pelo Governo Federal e o apagão de dados oficiais sobre número de infectados e de óbitos no Portal do Ministério da Saúde em junho de 2020<sup>50</sup>, registrar a percepção da população em seu dia a dia, a partir de seu contexto, sobre as quase 700 mil mortes e os mais de 37 milhões de casos, mostrou-se significativo. Tanto para pensar os efeitos da desinformação e desse apagão de dados relacionados à saúde no país, quanto para obter números que indicassem a dimensão das mortes causadas pela Covid-19 para a sociedade paulistana. Entre os trabalhadores em empresas-aplicativo, um em cada oito deles diz conhecer vítimas fatais da Covid-19. São também expressivos os números de pessoas próximas, entre amigos e familiares, vitimados pela pandemia. Os impactos psicossociais das vidas perdidas e do distanciamento social juntam-se às precárias condições de trabalho e renda, aprofundando a situação de pobreza e vulnerabilidade para esse grupo de trabalhadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, exploramos a possibilidade de uso da Abordagem Consensual para a análise das condições de vida de diversos grupos na sociedade brasileira e apresentamos dados relevantes para a compreensão dos efeitos do processo de uberização para a maioria dos trabalhadores em empresas-aplicativo. Argumentamos que o levantamento de dados pressiona e denuncia o apagão vivido pelos

---

<sup>49</sup> TROVÃO, Cassiano J. B. M. A pandemia da Covid-19 e a desigualdade de renda no Brasil: um olhar macrorregional para a proteção social e os auxílios emergenciais. **Grupo de Pesquisa em Economia Política do Desenvolvimento (GEPD) e do Núcleo de Análise Econômica Multissetorial, Estratégica e Conjuntural - NEMEC da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2020. Disponível em: <https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/TROV%C3%83O-2020-PANDEMIA-E-DESIGUALDADE.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

<sup>50</sup> NOVAES, Marina. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a Covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. **El País Brasil**, Madrid, 06 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.



trabalhadores uberizados. A análise crítica desses dados à luz das ciências do trabalho contribui para a discussão de políticas públicas e para a formação dos movimentos de trabalhadores na luta pela efetivação de suas garantias sociais.

Conforme visto, esta pesquisa reforça o panorama indicado em pesquisas anteriores: a situação de pobreza e vulnerabilidade dos trabalhadores em empresas-aplicativo aparece acentuada pela renda e pelas privações a que o grupo já estava sujeito historicamente, e que foi atualizado pela uberização e aprofundado durante a pandemia. Neste panorama, gênero, raça, idade e escolaridade apontam a uberização como forma de trabalho precário e amador para homens negros jovens e periféricos.

Embora relevante, cabe ressaltar que o panorama apresentado é fruto de um recorte específico da totalidade da amostra. Por isso, há significativas limitações em seu uso e nas inferências que a partir dele podemos fazer. É nossa intenção desenvolver um instrumento mais refinado para a temática de uberização que promova o melhor levantamento do tipo de atividade realizada e de outras informações como jornada de trabalho e acidentes, e agravos à saúde do trabalhador.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas: individuo y sociedad**, Viña del Mar, Chile, v. 18, n. 3, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/1674>. Acesso em: 7 set. 2021.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Blog da Boitempo**. São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set./dez. 2020. Disponível em:



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

<https://www.scielo.br/j/nec/a/zwB63zdGw9nNzqPrS7wFsMN/abstract/?lang=pt>.  
Acesso em: 01 set. 2023.

ABÍLIO, Ludmila Costhek; ALMEIDA, Paula; AMORIM, Henrique *et al.* **Relatório parcial de pesquisa: condições de trabalho em empresas de plataforma digital: os entregadores por aplicativo durante a Covid-19.** São Paulo: REMIR, 2020.

ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*, Campinas, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000400020](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400020). Acesso em: 01 set. 2023.

ALIANÇA BIKE. **Pesquisa de perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo.** São Paulo: Aliança Bike, 2019.

ANDRADA, C. F.; ESTEVES, E. G. Sonho, história, loucura? Economia Solidária: um movimento de resistência no mundo do trabalho. In: RASERA, E.; PERERA, M. P. de; GALINDO, D. (org.). **Democracia participativa, Estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção.** Porto Alegre: ABRAPSO, 2017. p. 169-187. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Livro-XIX-Encontro-Nacional-Democracia-participativa-Estado-e-Laicidade.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.

ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** São Paulo: Boitempo, 2020.

CAFIERO, Carlo; VIVIANI, Sara; NORD, Mark. *Food security measurement in a global context: the Food Insecurity Experience Scale.* **FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations**, 15 nov. 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/in-action/voices-of-the-hungry/resources/resources-details/en/c/1062771/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CARDOSO, William. Cozinhas fantasma se espalham por São Paulo durante a pandemia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/07/cozinhas-fantasma-se-espalham-por-sao-paulo-durante-a-pandemia.shtml>. Acesso em: 4 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.



CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas. *E-Compós*, Brasília, DF, v. 23, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1929/1983>. Acesso em: 01 set. 2023.

CONECTAS DIREITOS HUMANOS (org.). *Boletim Direitos na Pandemia nº 10*. Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10> Acesso em: 16 abr. 2021.

DAGNINO, Evelina. Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 139-164, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1983/1732>. Acesso em: 01 set. 2023.

DAVIES, Harry; GOODLEY, Simon; LAWRENCE, Felicity *et al.* *Uber broke laws, duped police and secretly lobbied governments, leak reveals*. *The Guardian*, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2022/jul/10/uber-files-leak-reveals-global-lobbying-campaign> Acesso em: 1 fev. 2023.

ELIAS, Maria Ligia Ganacim Granado Rodrigues *et al.* Uberização: um entendimento a partir de uma revisão da literatura. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 19, n. 55, p. 189-209, 2023. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rts/article/view/15505>. Acesso em: 01 set. 2023.

FAIRWORK. *Fairwork Brasil 2021: por trabalho decente na economia de plataformas*. Oxford, UK: Oxford Internet Institute, 2022. Disponível em: <https://fair.work/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/Fairwork-Report-Brazil-2021-PT-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. *Marx e o Marxismo: Revista do NIEP-Marx*, Niterói, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017. Disponível em: <https://www.niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 01 set. 2023.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Fome e Pandemia de Covid-19 no Brasil. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 34-40, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1036/834>. Acesso em: 01 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Histórico da investigação sobre cor ou raça nas pesquisas domiciliares do IBGE. *In: IBGE. Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

LANAU, Alba; MACK, Joanna; NANDY, Shailen. *Including services in multidimensional poverty measurement for SDGs: modifications to the consensual approach*. *Journal of Poverty and Social Justice*, Bristol, UK, v. 28, n. 2, p. 149-168, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340673347\\_Including\\_services\\_in\\_multidimensional\\_poverty\\_measurement\\_for\\_SDGs\\_modifications\\_to\\_the\\_consensual\\_approach](https://www.researchgate.net/publication/340673347_Including_services_in_multidimensional_poverty_measurement_for_SDGs_modifications_to_the_consensual_approach). Acesso em: 01 set. 2023.

LAROZZA, Felipe; SALLES, Iuri. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. *The Intercept Brasil*, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/11/25/paulo-galo-entregadores-antifascistas-borba-gato-revolucao/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

LEVY, Clarissa. A máquina oculta de propaganda do iFood. *Agência Pública*, 04 abr. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

MARQUES, Léa (org.). *Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. 227 p. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/trajetorias-da-informalidade-no-brasil-contemporaneo1/>. Acesso em: 01 set. 2023.

MARX, Karl. Capítulo nono: O salário à peça. In: MARX, Karl. *O Capital - Livro 1: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉDICI NETO, Mário Garrastazu. *Motoristas parceiros do Uber : natureza da prestação de novas formas de trabalho trazidas pela economia colaborativa*. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Direito do Trabalho) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165265>. Acesso em: 31 jan. 2023.

NANDY, Shailen; GORDON, David. *Policy relevant measurement of poverty in low, middle and high income countries*. In: BRAATHEN, E; MAY, J.; ULRIKSEN, N. *et al* (org.). *Poverty and inequality in middle income countries: policy achievements, political obstacles*. London: CROP, Zed Books, 2016.

NOVAES, Marina. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a Covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. *El País Brasil*, Madrid, 06 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PALMER, Michael. Data is the new oil. *ANA Marketing Maestros*. 03 nov. 2006. Disponível em: [https://ana.blogs.com/maestros/2006/11/data\\_is\\_the\\_new.html](https://ana.blogs.com/maestros/2006/11/data_is_the_new.html). Acesso em: 1 fev. 2023.



PROFISSIONAIS que prestam serviços domésticos podem ser MEI. **SEBRAE**, 31 jan. 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/conteudo\\_uf/profissionais-que-prestam-servicos-domesticos-podem-ser-mei,af7ee997bc741610VgnVCM1000004c00210aRCRD](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/conteudo_uf/profissionais-que-prestam-servicos-domesticos-podem-ser-mei,af7ee997bc741610VgnVCM1000004c00210aRCRD). Acesso em: 1 fev. 2023.

REDE PENSSAN. **Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

REPUTATION INSTITUTE. *Winning in the New Reputation Economy*: 2019 Global RepTrak. Disponível em: [https://ri.reptrak.com/hubfs/PDF/Global%202019\\_FINAL\\_March4.pdf](https://ri.reptrak.com/hubfs/PDF/Global%202019_FINAL_March4.pdf). Acesso em: 01 set. 2023.

ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, n. 6, p. 43-66, 2. sem. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9268/6874>. Acesso em: 01 set. 2023.

SABINO, João. Sobre oligopsônios e entregadores, alguns números. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/sobre-oligopsonios-e-entregadores-alguns-numeros.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SATO, Leny. Diferentes faces do trabalho no contexto urbano. In: COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol; SATO, Leny (org.). **Psicologia Social do Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 151-174. (Coleção Psicologia Social).

SOUZA, Ilan Fonseca de. Na pista com a Uber: uma etnografia. **Revista Direito e Práxis**, Ahead of Print, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/69784>. Acesso em: 1 fev. 2023.

THE REPTRAK COMPANY. *2020 Global RepTrak: a decade of reputation leaders*. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.rankingthebrands.com/PDF/Global%20RepTrak%20100%20Report%2020,%20Reputation%20Institute.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

TOKARNIA, Mariana. Rendimento dos brasileiros é o menor desde 2012, aponta IBGE. **Agência Brasil**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-06/rendimento-dos-brasileiros-e-o-menor-desde-2012-aponta-ibge>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TROVÃO, Cassiano J. B. M. A pandemia da Covid-19 e a desigualdade de renda no Brasil: um olhar macrorregional para a proteção social e os auxílios emergenciais.



**Grupo de Pesquisa em Economia Política do Desenvolvimento (GEPD) e do Núcleo de Análise Econômica Multissetorial, Estratégica e Conjuntural - NEMEC da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.** Disponível em: <https://ccsa.ufrn.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/TROV%C3%83O-2020-PANDEMIA-E-DESIGUALDADE.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella. Empreendedorismo e investimento político no corpo para a produtividade neoliberal. *In: Volumes Do Seminário Internacional Três Décadas De Transformações Na América Latina*. São Paulo: [s. n.], p. 1-27. No prelo.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella. **Somos todos empreendedores? A demanda empreendedora como dispositivo de governo neoliberal.** 2020. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09072020-161211/es.php>. Acesso em: 01 set. 2023.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flávia Manuella; BASTOS, Juliano Almeida. Uberização: precarização do trabalho e ação política dos trabalhadores no Brasil de 2020. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 25, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/180691/189095>. Acesso em: 01 set. 2023.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato. Preferências adaptativas, pobreza multidimensional e políticas públicas: os contornos da dignidade humana. **Revista Direito Público**, Brasília, DF, v. 19, n. 104, p. 16-46, 2023. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/6954>. Acesso em: 01 set. 2023.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia Manuella; NANDY, Shailen; FERNANDEZ, Gabriela Fraga *et al.* O que os brasileiros pensam ser necessário para que se tenha um padrão de vida digno em seu país? Estudo piloto na cidade de São Paulo. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 4, p. 1-27, 2021. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/87>. Acesso em: 11 mar. 2022.

UCHÔA DE OLIVEIRA, Flavia M.; NANDY, Shailen; FERNANDEZ, Gabriela Fraga *et al.* Trabalho decente para uma vida digna: um estudo piloto a partir da abordagem consensual na cidade de Campinas. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 5, p.1-38, 2022. Disponível em: <http://www.revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/120>. Acesso em: 3 ago. 2022.

ZUBOFF, Shoshana. ***The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power.*** New York: Public Affairs, 2019.



OLIVEIRA, Flávia Uchôa de; NANDY, Shailen; VEDOVATO, Luis Renato; ASSIS, Ana Elisa. Trabalho e viração em empresas-aplicativo: um panorama da uberização na cidade de São Paulo durante a pandemia. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v.6, p. 1-40, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v6.153>.

WORLD ECONOMIC FORUM. *Davos 2016 - Remarks by Joe Biden, Vice President of the United States*. [S. l.: s. n.], 20 jan. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02AFIUA9igE>. Acesso em: 1 fev. 2023.

### Flavia Uchôa de Oliveira

Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado sanduíche na Escola de Ciências Sociais da Cardiff University pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES. Membro do Laboratório de Estudos do Trabalho, Movimentos Sociais e Políticas Sociais (TraMPos). E-mail: [flavia.mu@gmail.com](mailto:flavia.mu@gmail.com).

### Shailen Nandy

PhD em Política Social pela Universidade de Bristol. Pesquisador e Professor da Universidade de Cardiff, Reino Unido. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1066-9181>. E-mail: [NandyS1@cardiff.ac.uk](mailto:NandyS1@cardiff.ac.uk).

### Luis Renato Vedovato

Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado/Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor de Direito Internacional Público da PUC-Campinas. Membro do Academic Advisory Group of the Global Center for Legal Innovation on Food Environments ("Global Center") do O'Neill Institute for National and Global Health Law (Georgetown University). Pesquisador do Projeto de pesquisa conjunto (Cardiff University e UNICAMP) "Examining poverty in a polarised and unequal society: the potential of the Consensual Approach to poverty research in Brazil" - UK E-mail: [lvedova@unicamp.br](mailto:lvedova@unicamp.br).

### Ana Elisa Assis

Professora da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Direito do Sul de Minas e da Faculdade de Educação da UNICAMP. Pesquisadora e líder do Laboratório de Políticas Públicas e Direitos Fundamentais (LabDirF/FDSM). Pesquisadora e vice-líder do Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional - LaPPlanE da Faculdade de Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9527743086394186>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3759-4845>. E-mail: [anaelisasqa@gmail.com](mailto:anaelisasqa@gmail.com).

